



Das bases conceituais e disciplinares da Bioética

From the conceptual and disciplinary bases of Bioethics

De las bases conceptuales y disciplinarias de la Bioética

Gilberto Ferreira de Souza, Mário Antônio Sanches

RESUMO

O presente texto tem como tema “as bases conceituais e disciplinares da Bioética”. Para tanto, os objetivos são: observar as tentativas tradicionais de propor uma definição canônica para o termo em questão; apresentar algumas de suas características fundamentais; avaliar o seu crescimento, presença e papel nas atividades humanas da atualidade; e indagar por sua natureza subdisciplinar, disciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Na perspectiva da revisão bibliográfica, concluímos que debruçar-se sobre o(s) significado(s) da bioética constitui-se, para os envolvidos e interessados nesta nova área de reflexão, em uma tarefa primordial que deve ser retomada e reavivada constantemente.

Palavras-chave: Bioética; Bases conceituais; Natureza disciplinar.

ABSTRACT

The present text has as its theme “the conceptual and disciplinary bases of Bioethics”. To this end, the objectives are: observe the traditional attempts to propose a canonical definition for the term in question; present some of its fundamental characteristics; assess their growth, presence and role in current human activities; and inquires about its subdisciplinary, disciplinary, multidisciplinary,

interdisciplinary or transdisciplinary nature. From the perspective of the systematic bibliographic review, we conclude that addressing the meaning of bioethics constitutes, for those involved and interested in this new area of reflection, a primordial task that must be constantly renewed and revived.

Keywords: Bioethics; Bases conceptual; Disciplinary nature.

RESUMEN

El presente texto tiene como tema “las bases conceptuales y disciplinarias de la Bioética”. Para ello, los objetivos son: observa los intentos tradicionales de proponer una definición canónica para el término en cuestión; presenta algunas de sus características fundamentales; evalúa su crecimiento, presencia y papel en las actividades humanas de la actualidad; y preguntar por su naturaleza subdisciplinaria, disciplinaria, multidisciplinaria, interdisciplinaria o transdisciplinar. En la perspectiva de la revisión bibliográfica sistemática concluimos que centrarse en el significado de la bioética se constituye, para los involucrados e interesados en esta nueva área de reflexión, en una tarea primordial que debe ser retomada y reavivada constantemente.

Palabras-clave: Bioética; Bases conceptuales; Naturaleza disciplinaria.

Introdução

O que significa Bioética? Esta é uma indagação feita pelos precursores a mais de 50 anos, e repetida durante a sua curta história de vida. Debruçar-se sobre este tema com o objetivo de obter um mínimo de esclarecimento e compreensão constitui uma tarefa primordial para os envolvidos e interessados nesta nova área de reflexão, que deve ser retomada e reavivada constantemente. O presente texto tem por objetivo principal refletir sobre as bases conceituais e disciplinares da bioética, na perspectiva da revisão bibliográfica. Esta reflexão é feita sob a forma de observações em torno (a) das tentativas tradicionais de propor uma definição canônica para o termo em questão, (b) de algumas de suas características fundamentais (c) do seu crescimento, presença e papel nas atividades humanas da atualidade, (d) da natureza subdisciplinar, disciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar da Bioética, e (e) da proposta da Bioética como um campo ou região que se situa “entre as disciplinas”, que trabalha com um foco compartilhado e inclusivo nos problemas éticos particulares ou universais associados com a Bioética, propondo ou negociando soluções para estes problemas sob perspectivas mais

amplas.

Retomando a indagação primeira

É incerto datar exatamente a época e lugar em que se deu o nascimento do neologismo Bioética (PESSINI, 2012, p. 28), e igualmente incerto é prever o seu futuro. As palavras possuem vida e destino próprios: enquanto algumas nascem e em pouco tempo fenecem, outras se desenvolvem e adquirem significados novos, diversos e até opostos àquele da sua criação inicial, construindo um sentido próprio para ocupar um espaço autônomo.

Podemos, lembrando o filósofo Ludwig Wittgenstein (WITTGENSTEIN, 2009, § 18), considerar as palavras como uma antiga cidade, com ruas e ruelas retas e retangulares, bem como praças, casas antigas e novas, construídas em diferentes épocas, e cercada por uma grande quantidade de novos bairros. Nesta cidade, algumas construções nascem e outras desaparecem dando vida nova à antiga cidade. As palavras, nesse sentido, transcendem as fronteiras geográficas, históricas e culturais para servir a uma multiplicidade de usos. Certa vez, T. Engelhardt escreveu algo semelhante relacionado com o termo “Bioética”:

[...] as ideias têm vida própria e um poder próprio. Uma ideia pode forjar ou remodelar as formas em que compreendemos e experimentamos a realidade. Quando encontramos uma ideia fecunda dizemos: ‘Ah! É isso!’, e vemos o mundo de tal maneira que não podemos mais imaginá-lo diferente [...]. O mesmo acontece às vezes com as palavras novas. Uma nova palavra permite-nos dar um nome a elementos da realidade de tal forma que podemos ter um novo tipo de controle sobre o ambiente cultural [...]. Isso aconteceu com ‘bioética’ (ENGELHARDT, 1989, p. vii).

Chegamos a uma fase decisiva para o futuro da Bioética, em que uma reflexão profunda se impõe sobre todos os envolvidos com este novo campo de estudo, reflexão e ações. Trata-se de uma volta à algumas das bases conceituais e disciplinares que deram origem à Bioética e que procuram sustentá-la.

De um lado é devido destacar, como fato, o rápido e enorme crescimento da Bioética, que a cada dia ocupa maiores e mais relevantes espaços nas atividades humanas. Igualmente deve-se

constatar que, com certa liberdade, o neologismo Bioética foi crescendo e adquirindo diversas acepções, e incorporando ao seu ambicioso rol novos conceitos e novas ideias. Nesse sentido, a Bioética nasceu e cresceu sem ter enfrentado e ultrapassado questionamentos mais profundos de natureza conceitual e até mesmo sem uma definição própria do que vem a ser Bioética.

Uma ligeira leitura sobre os livros, manuais e artigos publicados em torno da Bioética, constata-se outro fato, a saber, que os autores, embora componham artigos e livros com diversos capítulos que se ocupam com tópicos de Bioética, não apresentam uma definição aproximadamente consensual e nem se posicionam claramente sobre o que entendem pelo termo “Bioética”.

A Bioética parece não ter uma definição. Ela tem muitas definições. Estas afirmações, que talvez atormente aos que se ocupam com esse campo de reflexão e tragam argumentos que justifique sua negação, nos leva à Wittgenstein para dizer que uma constatação desse tipo é um ponto positivo, pois se livra das maneiras incorretas de colocar e responder a uma questão.

E se estivermos corretos de que a Bioética nasceu e está crescendo sem uma definição, poderíamos afirmar que ela mais cedo ou mais tarde precisará de uma? Melhor seria dizer que ela deve marcar sua presença definitiva nas atividades humanas atuais exigindo que seja vista como área própria ou derivada de conhecimento. E esta exigência supõe uma reflexão detida e mais aprofundada sobre seu significado, seu corpo de doutrinas, sem uma “definição” camisa-de-força, que lhe proporcione condições ideais e reais para continuar a crescer sem incorrer aos riscos de ser destruída antes de sua maturação. Os riscos podem ser externos, quando aqueles que estão de fora da bioética avê como um incômodo, entrave e invasão em suas atividades e interesses pessoais. E os riscos internos podem provir dos próprios bioeticistas, quando ficam embriagados pelo despreparo, egoísmo, vaidade, modismo e incompetência.

A reflexão a que estamos aludindo ao invés de querer definir o termo Bioética deve procurar sugerir que as suas características fundamentais são elementos necessários para o seu fortalecimento como campo de conhecimento reconhecido, e que cada uma das suas partes componentes, como por exemplo, biodireito, biotecnologia, ética biomédica, bioecologia, tomadas separadamente, não equivalem ao todo; elas completam o todo.

É, portanto, uma oportunidade para retomarmos a indagação feita pelos precursores a mais de 50 anos, e repetida durante a sua curta história de vida: o que significa Bioética? Se naquele momento não haviam condições para uma definição e avaliação da mesma como uma área específica, isso porque as dúvidas relativas aos problemas contextualizados eram outras, hoje

podemos indagar se a Bioética pode ou deve ser uma área específica do conhecimento humano. Há elementos necessários e suficientes para afirmar o seu espaço próprio, autônomo, independente da ética, embora intimamente relacionada à ela? É justamente a consideração desses pontos que se pretende colocar em jogo na discussão sobre as características próprias da Bioética. Iniciemos, então, perguntando o que vem a ser a Bioética.

O que é Bioética?

O que é Bioética? Esta questão suscitou uma enorme variedade de respostas ao longo da sua história, e ainda continua a propulsionar muitas reflexões. Das várias tentativas, podemos mencionar que a Bioética tem sido chamada por alguns de “uma disciplina” (CALLAHAN, 1973, p. 66; ACKERMAN, 1980, p. 260; BORRY, P.; SCHOTSMANS, P.; DIERICKX, K., 2005, p. 50; WILLIAMSON, 2008, p. 4; KOTOW, 2010, pp. 159-170); de “uma disciplina aplicada” (BARON, 2006, p. 9), de “uma demi-disciplina” (JONSEN, 1998, pp. 345-346; JONSEN, 2004, p. 49), de “uma subdisciplina” (CALLAHAN, 1999a, pp. 275-294) e de “uma disciplina de segunda ordem” (KOPELMAN, 2006, pp. 601-628). Outros sugerem que a Bioética não pode ser colocada dentro do quadro tradicional das disciplinas, e a considera como uma “multidisciplina” (BENNET e CRIBB, 2003, pp. 9-18), uma “interdisciplina” (DE WACHTER, 1982, pp. 275-287; SILBER, 1982, pp. 21-28; GREEN, 1990, pp. 179-197; ÁRNASON, 2005, pp. 322-328; ILTIS, 2006, pp. 629-641; JONSEN, 2007, p. 3-16; AZEVÊDO, 2007, pp. 34-35; BRODY, 2009, pp. 21-48; DE LANGE, 2009, pp. 190-216; MASTER, 2011, pp. 102-119) ou “transdisciplina” (JONSEN, 2004, pp. 49-50). Outros, ainda, referem-se mais cautelosamente à Bioética, simplesmente como “um campo” (BEAUCHAMP, 2003, pp. 269-274; BELKIN, 2004, pp. 372-385; FADEN, 2004, pp. 276-278; WOLF e KAHN, 2005, pp. 22-24; DUNN *et al*, 2008; pp. 160-163; GARRAFA, 2003; GARRAFA, 2005b, p. 131).

Entre as diversas definições significativas apresentadas para o termo “Bioética”, podemos destacar as seguintes:

- a) Bioética é o estudo sistemático da conduta humana nas ciências da vida e cuidados de saúde examinada à luz dos valores e princípios morais. (REICH, 1978, I, p. XIX)
- b) Bioética é uma nova disciplina cuja tarefa é elaborar o método para ajudar os médicos e cientistas na seleção das ‘boas decisões’ a partir de um ponto de vista sociológico, psicológico e histórico. (REICH, 1990, p. 153)

- c) Bioética é o estudo sistemático das dimensões morais - incluindo a visão moral, as decisões, comportamentos e políticas - ciência, vida e saúde, utilizando diversas metodologias éticas com uma abordagem interdisciplinar. (REICH, 1990, p. 153)
- d) Bioética estuda a moralidade da conduta humana no domínio das ciências da vida. Ela inclui ética médica, mas por outro lado excede os problemas clássicos da medicina, uma vez que também diz respeito ao conjunto dos problemas éticos colocados pelas ciências biológicas, que não são principalmente de natureza médica. (VARGA, 1984, p. 71)
- e) A Bioética é um campo da ética que estuda os problemas de proteção da vida física e, em particular, as implicações éticas das ciências biomédicas. (LEONE, S.; PRIVETA, S., 1990, p. 90)
- f) Bioética é a ética aplicada a novos problemas que se desenvolvem nas fronteiras da vida. (VIAFORA, 1990, p. 46)
- g) A Bioética está preocupada com as questões éticas do nascimento, vida e morte após os últimos desenvolvimentos e possibilidades de pesquisa e terapias biológicas e médicas. Ela estuda, entre outras coisas, as questões morais relacionadas ao aborto, esterilização, controle de natalidade, a manipulação genética, a eutanásia e experimentação humana. (HOFFE, 1993, p. 17)
- h) A Bioética é como ciência sistemática do homem ético que investiga os âmbitos tecnogênese do mundo biológico. (RUSSO, 1995, p. 8, nota 1)
- i) A Bioética é uma disciplina com um status epistemológico racional, aberta à teologia entendida como ciência supra-racional, e, finalmente, ‘Horizonte de sentido’. Bioética, a partir da descrição de dados científicos, biológicos e médicos, racionalmente examina a legalidade do homem pela intervenção do homem. (SGRECCIA, 1987, p. 37)
- j) A Bioética pode ser concebida como parte da filosofia moral que considera a legalidade ou não das intervenções sobre a vida humana e, em particular, as relacionadas com a prática e desenvolvimento das ciências médicas e biológicas. (SGRECCIA, 1987, p. 49)
- k) A Bioética em sua especificidade é definida pelo aspecto ético que diz respeito ao homem em sua totalidade e radicalidade, em todos os seus valores e em todas as suas necessidades. (TETTAMANZI, 1990, p. 30)
- l) O termo ‘Bioética’ refere-se ao estudo sistemático, plural e interdisciplinar e resolução de questões éticas levantadas pela medicina, ciências da vida e ciências sociais, quando aplicado aos seres humanos e sua relação com a biosfera, incluindo questões relacionadas a disponibilidade

e acessibilidade dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos e suas aplicações. (UNESCO, 2005, art. 1)

Estas sugestões exemplificam, por um lado, que a definição de Bioética e de sua finalidade não é tarefa simples, e por outro, que alguns a consideram como ciência, outros como um ramo de conhecimento geral, outros como uma disciplina autônoma, e outros ainda como um ramo tradicional da ética.

Mas seria a definição (ou as definições) uma bússola eficaz para orientarmos na direção de compreendermos o que vem a ser a Bioética? Novamente sob a orientação de Wittgenstein nesta questão, pode-se afirmar, inicialmente, que a pergunta como foi colocada “O que é Bioética?” é resultado não de um problema genuíno, mas de uma confusão, sentida como um problema. Esta é uma formulação enganadora que expressa a nossa falta de clareza, e é uma das grandes fontes de desorientação para muitos estudiosos, de modo que uma afirmação definidora como resposta seria o resultado de um equívoco gramatical (WITTGENSTEIN, 1992, pp. 25, 1, 35 e 59). Referindo-se à gramática da palavra “tempo” nas *Confissões* de Agostinho, ele observa:

Considerem como um exemplo a questão “O que é o tempo?”, tal como foi formulada por Santo Agostinho e outros. À primeira vista, o que esta questão pede é uma definição, mas, nesse caso, levanta-se imediatamente a questão: “O que ganharíamos com a definição, se ela apenas nos pode conduzir a outros termos não definidos?” E por que motivo se deveria ficar perplexo com a falta de uma definição de tempo, e não com a falta de uma definição de “cadeira”? Por que motivo não deveríamos ficar perplexos em todos os casos em que não temos uma definição? Ora uma definição esclarece com frequência a gramática de uma palavra. E, de fato, é a gramática da palavra “tempo” que nos deixa perplexos. Nós apenas expressamos esta perplexidade ao formular uma questão um pouco enganadora, a questão: “O que é...?” Esta questão é uma expressão de falta de clareza, de mal-estar mental, e é comparável à questão “porque” que as crianças repetem tão frequentemente (WITTGENSTEIN, 1992, p. 59).

Assim, do ponto de vista de Wittgenstein, poderíamos dizer que as tentativas dos autores em dar

uma definição à Bioética seria o resultado de uma confusão latente e ainda não resolvida? Por enquanto, podemos levantar a suspeita nesse sentido. Mas, em caso positivo, de que tipo de confusão se trata? E como, então, deveríamos nos orientar na compreensão da Bioética?

Das características da Bioética

Para Wittgenstein, a compreensão de um termo problemático, e nesse caso, da Bioética, poderia ser alcançada por, pelo menos, três vias: (a) através do apontamento dos seus aspectos característicos, (b) na enumeração de casos exemplares, e (c) na comparação entre ambos. Assim, dada a inviabilidade de responder a questão “O que é a Bioética?”, por meio de uma definição, podemos investir na caracterização da Bioética elencando cinco de suas principais exigências, e adicionando exemplos que possam ajudar para o esclarecimento do termo em questão. E, ao final da nossa incursão, poderemos avaliar se as características apontadas são suficientemente robustas para merecer, sob o nome de Bioética, um espaço próprio ou derivado no palco das reflexões e atividades humanas.

a) A área de atuação

A Bioética concebida de forma abrangente ou larga pode ser entendida como ética relativa às ciências da vida, da saúde e do meio ambiente, ou ainda, como estudo sistemático da conduta humana dentro das ciências da vida e de atenção à saúde, enquanto esta conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais. Assim, a primeira característica presente nesta observação é a sua área própria de atuação. M. H. Parizeau tentou sistematizar as principais preocupações da Bioética, elencando os seguintes aspectos:

A Bioética concebida de forma abrangente ou larga pode ser entendida como ética relativa às ciências da vida, da saúde e do meio ambiente, ou ainda, como estudo sistemático da conduta humana dentro das ciências da vida e de atenção à saúde, enquanto esta conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais. Assim, a primeira característica presente nesta observação é a sua área própria de atuação. M. H. Parizeau tentou sistematizar as principais preocupações da Bioética, elencando os seguintes aspectos:

- a) a relação médico-paciente, em grande parte contemplada nos códigos de ética médica;
- b) o problema da regulamentação das experiências e pesquisas com os seres humanos;

- c) a análise do ponto de vista ético das técnicas concernentes à procriação e à morte tranquila ou eutanásia;
- d) a análise ética das intervenções sobre o corpo humano (transplantes de órgãos e tecidos, medicina esportiva e transexualismo);
- e) a análise ética das intervenções sobre o patrimônio genético da pessoa humana;
- f) a análise ética das repercussões do emprego das técnicas de manipulação da personalidade e intervenção sobre o cérebro (psicocirurgia e controle psiquiátrico do comportamento);
- g) a avaliação ética das técnicas genéticas e a sua repercussão no mundo animal (PARIZEAU, 1996, pp. 694-701).

Mesmo assim, Sarmiento e Sgreccia afirmam que esta área é extremamente ampla, ainda não foi completamente delimitada, e necessita de maiores reflexões. (SARMENTO, 2002, pp. 9-10; SGRECCIA, 1996, p. 44). Além disso, estas preocupações não contemplam temáticas características de uma Bioética nos contextos latino e sul americano, tais como:

- a) a intervenção bioética em países periféricos em contextos de poder e injustiça (GARRAFA e PORTO, 2003).
- b) visão bioética abrangente, comprometida com a realidade, mais inclusiva e politizada, no sentido de que deve analisar os problemas e conflitos locais contextualizados, bem como orientar a ação do Estado, assumindo responsabilidades concretas na construção e conquista da verdadeira justiça social em saúde (GARRAFA, 2005b, pp. 122-132; GARRAFA e CORDÓN, 2006; GARRAFA, 2005a).

b) A exigência pluralista

A exigência pluralista é outra das suas características sem a qual não é possível falar de Bioética. De acordo com Elio Sgreccia, “cabe à bioética discutir e examinar os valores e os princípios morais, com a consciência de uma pluralidade das abordagens filosóficas” (SGRECCIA, 1996, p. 46). Para Engelhardt, “a bioética é um substantivo plural” (ENGELHARDT, 1998, p. 23). E Ferrer e Álvarez, explica o substantivo da seguinte maneira:

Essa pluralidade ou pluralismo da bioética está diretamente vinculada ao que Engelhardt chama de apuro filosófico pós-moderno (“the posmodern

philosophical predicament”). Na situação atual é impossível descobrir uma moral secular com conteúdo. Essa situação é difícil de aceitar porque nossa tradição intelectual habituou-nos a ter uma confiança exagerada nas possibilidades da razão. O fracasso do projeto filosófico moderno de encontrar uma moral com conteúdos concretos, baseada somente na razão, constitui a catástrofe fundamental da cultura secular contemporânea e é o ponto de referência para compreender a bioética contemporânea (FERRER; ALVAREZ, 2005, pp. 204-5).

Muitos dos envolvidos com a Bioética parecem ignorar que a pluralidade constitui a raiz do pensamento contemporâneo, como foi exposto na citação acima. Eles a adotam e aplicam os princípios e normas morais específicos como se fossem óbvios para todos, prestam serviços de assessoria e consultoria como se existisse uma só “Bioética” padrão capaz de guiar todas as decisões morais seculares e de orientar as políticas de saúde, agem como ministros religiosos que desconhecem o caráter sectário de sua posição, e apresentam-se a si próprios como porta-vozes da razão, de uma moral particular que se pretende ter estatuto canônico para qualquer pessoa, em qualquer tempo e lugar. Tão logo, eles deverão admitir que não há uma Bioética com conteúdos concretos fora de uma perspectiva moral particular. O que temos são “Bioéticas”, no plural. Exemplo disso é a discussão dos aspectos éticos, sobre as diversas temáticas que, quando levada a cabo exclusivamente por médicos, uma tal discussão não pode ser considerada como sendo de Bioética, pois é indispensável a presença de mais setores sociais do conhecimento, como, por exemplo, o corpo médico, os familiares, o líder religioso, o próprio paciente, entre outros.

c) Participação efetiva dos atores

Uma outra característica da Bioética é a necessidade do envolvimento e participação efetiva de todos os possíveis atores e agentes da sociedade na discussão das questões éticas.

De forma mais geral, E.L.C. P. Zoboli e P. A. C. Fortes mencionam que, tanto na Bioética bem como em outros setores,

[...] para que avanços políticos se configurem [...] é indispensável o engajamento da sociedade às propostas transformadoras que venham em

benefício do coletivo, por meio de uma consciente e consequente participação popular. Esse processo de participação, contudo, deve se livrar do paternalismo e do apoio à ignorância. Não basta apenas ser garantida a presença quantitativa da população em eventos democráticos [...] ou em organismos pluralistas [...]. A participação popular, em qualquer processo político que vise a concretização de objetivos, requer o pré-requisito indispensável da informação, do conhecimento, do preparo, da educação (ZOBOLI, E. L. C. P.; FORTES P. A. C., 2004, p. 58).

De forma mais estreita, e com relação às políticas públicas de defesa e promoção dos direitos do idoso, Junges afirma que a “cultura jurídica brasileira é pródiga em criar belas leis, mas que permanecem, muitas vezes, inócuas por falta de aplicação. Por isso, é necessário favorecer grupos de conscientização sobre os direitos do idoso e criar mecanismos de acompanhamento e avaliação do cumprimento do Estatuto” (JUNGES, 2006, p. 225).

Assim, com estas observações, constata-se que o efetivo envolvimento na discussão Bioética é de fundamental importância para o andamento na direção da sua concretização.

d) Avaliação entre a ética e as áreas científicas

Outra característica importante da Bioética diz respeito à necessidade da análise e avaliação entre a ética e as áreas das ciências da vida, da saúde e do meio ambiente, para poder perceber como determinada decisão de uma área interage com as outras.

Após ter identificado e especificado os vários dilemas éticos ou conflitos de valores envolvidos em determinado caso, habilidade que se adquire somente através da prática, deve-se analisá-los e deliberar sobre eles separadamente, sem misturá-los, para que a deliberação não seja confusa, dificultando assim, uma conclusão razoavelmente satisfatória. Para que isso ocorra, Ferrer e Álvarez observa que é muito útil elaborar uma árvore de problemas e de atitudes.

Em geral, os seres humanos vemos muito bem as atitudes extremas: sim ou não, branco ou preto, tudo ou nada, chamar o juiz ou dar alta voluntária a um paciente etc.; mas custa-nos muito ver as tonalidades de cinza, os matizes, as atitudes intermediárias. E é entre elas que se costuma encontrar a

melhor solução (ou a menos ruim), a solução que respeita da melhor forma os princípios morais e o maior número de valores. Portanto, deveremos especificar todas as atitudes possíveis, não só as que nos parecem desejáveis ou de que gostamos, mas todas as que se podem dar (FERRER; ALVAREZ, 2005, p. 486).

Percebe-se que desse modo, será mais fácil analisar as possíveis consequências de cada atitude e identificar os conflitos éticos a que cada uma nos conduz. Circunstancialmente, as atitudes podem ser complementares entre si, e permitirmos escolher mais de uma, pois se coincidem ou se sucedem temporariamente. Ou, diferentemente, podem ser excludentes entre si, sendo incompatíveis duas escolhas. Portanto, para se ter uma noção de como determinada decisão de uma área interage com as outras no campo da Bioética, é necessário analisar e avaliar cada um dos problemas atuais identificados, bem como todas e cada uma das atitudes possíveis.

e) A relevância da somatória das especificidades sobre as consequências das decisões em bioéticas

Outra característica da bioética é sobre a relevância da somatória da especificidade do campo de atuação sobre as consequências das decisões bioéticas sobre o ser humano (indivíduo) e sobre toda humanidade e seu mundo (seres humanos).

O estabelecimento dos cenários das diferentes alternativas e das suas consequências é fundamental para a orientação e verificação da adequação ou não de possíveis ações a serem tomadas em Bioética. Isso porque a ação que é realizada em nível individual terá suas consequências sociais ou coletivas. Uma intervenção, por exemplo, para teste genético, para interrupção da gravidez, ou para decisão reprodutiva, é feita numa pessoa (indivíduo) mas o seu resultado terá um impacto não apenas no indivíduo mas também na sua família, na população, e no mundo, como a discussão das questões sociais relacionadas à discriminação, ao preconceito e à exclusão, etc.

Além disso, é importante considerar a questão intergeracional. E isto quer dizer que as ações que são realizadas no presente portam consequências de longo prazo e podem afetar indivíduos que ainda não existem. Assim, todo o bem ou qualquer mal que se fizer para o indivíduo terá uma repercussão social e sua provável expansão para uma esfera coletiva maior.

As características apresentadas acima (a área de atuação, a exigência pluralista, a participação efetiva dos atores, a avaliação entre a ética e as áreas científicas, a relevância da somatória das especificidades sobre as consequências das decisões) podem, não isoladamente, mas apenas conjuntamente, apoiar-se, reforçar e justificar o reconhecimento da Bioética como um campo autônomo ou derivado, necessário e robusto no interior da ética.

Da natureza disciplinar da Bioética

Outro aspecto importante para a presente discussão é sobre a natureza disciplinar da Bioética. Em seu texto intitulado “Promover o Ensino da Bioética no Mundo”, N. Lenoir expõe implicitamente a seguinte indagação: “[...] o escopo da Bioética deve ser multidisciplinar [...] ou deve constituir uma disciplina completamente nova” [?] (LENOIR, 1996, pp. 68-69).

Para nós, a indagação correta deveria ser ampliada de forma a acolher outras dimensões como possibilidade. Sendo assim, deveríamos indagar: A Bioética pode ou deve ser uma reflexão de natureza subdisciplinar, disciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar ou ser considerada como um campo? Reorientados, assim, podemos dizer que existem todas estas opções para a Bioética. Resta saber, se todas são ou não viáveis. É o que pretendemos fazer com as observações a seguir.

a) Para a Bioética ser uma subdisciplina

Alguns autores argumentaram em favor da Bioética ser compreendida como uma subdisciplina. De acordo com esta proposta, a Bioética estaria subsumida no interior de uma disciplina particular e seria uma “propriedade” somente dessa disciplina já constituída. Consequentemente, o padrão de rigor na pesquisa Bioética seria simplesmente os mesmos padrões que a disciplina já havia estabelecido. R. M. Green, por exemplo, argumenta que a “bioética é um subconjunto que pertence a filosofia moral”, a que aplica os métodos da análise filosófica (GREEN, 1990, pp. 179-199). Já Powers, por sua vez, entende a Bioética como “uma competição intrinsecamente política” e que este tipo de pesquisa deve ter uma abordagem sob as lentes da ciência política (POWERS, 2005, p. 320). E Callahan vê (ou pelo menos viu) a Bioética como uma “nova subdisciplina” que, como um empreendimento peculiar, profissional para uns e de incerteza e suspeita para outros, compartilha um destino semelhante ao da ética (CALLAHAN, 1999a, p. 275). Todavia, estas perspectivas e outras similares provavelmente não passariam de um debate sobre o valor relativo das disciplinas estabelecidas, na qual a Bioética ainda estaria sem

autonomia ou razões suficientes.

b) Para a Bioética ser uma disciplina.

Quanto à “disciplinaridade”, não existe um acordo universal sobre a definição de uma disciplina acadêmica. Apesar disso, Becher afirma que muitos estudiosos entendem que as disciplinas possuem dois componentes. O primeiro componente são as características sociológicas, e isto inclui as estruturas institucionais tais como revistas, centros de pesquisa, programas acadêmicos e conferências, além das práticas sociais como a linguagem compartilhada e a identificação com uma tradição intelectual única (BECHER, 1989, pp. 19, 20, 37). Neste sentido, não seria difícil conceber a Bioética como uma disciplina.

O segundo componente são as características epistemológicas, isto porque o desejo de entender melhor o mundo vai permitir o surgimento das disciplinas acadêmicas. Cada “disciplina” tem como objetivo compreender uma característica particular do mundo, e cada compreensão se dá mediante um conjunto de ferramentas, métodos, procedimentos, exemplos e teorias que contam coerentemente para um conjunto de objetos ou assuntos. Assim, as características epistemológicas de uma disciplina se concentram no seu objeto, nos métodos e instrumentos utilizados, e em um padrão de rigor que determina o uso correto ou não dos métodos e ferramentas. E são exatamente sobre essas características que os bioeticistas discordam nitidamente. E são também essas características que parecem excluir a possibilidade de distinguir a bioética como disciplina em si e não meramente como uma subdisciplina no interior de outras disciplinas. Há quem desafia a noção de que as disciplinas acadêmicas podem ser claramente categorizadas e distinguidas, por afirmar que as características sociológicas das disciplinas são flexíveis e variáveis histórica e geograficamente (BECHER, 1989, pp. 20- 21), uma vez que são construções sociais longas e complexas (SALTER e HEARN, 1996, pp. 3-11). Igualmente flexíveis ou não-fixados, são os critérios epistemológicos das disciplinas acadêmicas, tanto na teoria como na prática. Isso os levam a concluir que não há um único método de investigação, nenhum procedimento de verificação padrão, nenhum conjunto definitivo de conceitos que caracterize exclusivamente cada disciplina particular. (BECHER, 1989, p. 43).

c) Para a Bioética ser uma multidisciplina

A “multidisciplinaridade”, por sua vez, refere-se ao conjunto de disciplinas a serem trabalhadas

simultaneamente por diferentes profissionais, sob uma temática comum, em que cada disciplina permanece com sua metodologia própria, e sem fazer aparecer as relações ou cooperações que possam existir entre disciplinas. Além disso, a multidisciplinaridade (ou pluridisciplinaridade) consiste na simples justaposição de disciplinas, sem que nenhum pressuposto de ligação entre elas seja exigido. Nesse modelo, ao invés de uma equipe trabalhando, há um amontoado de gente competindo entre si sem qualquer interação, de forma que um profissional apenas empurra o problema para outro. Trata-se de uma forma mais simples e freqüentemente usada em qualquer parte do mundo.

d) Para a Bioética ser uma interdisciplina

A “interdisciplinaridade” refere-se ao intercâmbio mútuo e interação de diversos conhecimentos de forma recíproca e coordenada. Há uma perspectiva metodológica comum a todos e uma integração dos resultados. Embora os interesses próprios de cada disciplina permaneçam, há a busca por soluções dos seus próprios problemas através da articulação com as outras disciplinas. Em síntese, na interdisciplinaridade há uma cooperação e uma ação coordenada.

M. A. M. Wachter talvez seja o autor que delineou o modelo interdisciplinar mais extenso para a pesquisa em Bioética. Ele inicia seu texto *Interdisciplinary bioethics: But where do we start?* dizendo que nenhuma pessoa pode individualmente adquirir um treinamento adequado em todas as disciplinas relevantes da Bioética. E mesmo que isso fosse possível, diz Wachter, o trabalho desse indivíduo não seria necessariamente interdisciplinar. Por essa razão, ele defende que os bioeticistas devem definir “os caminhos e métodos de fazer a Bioética como uma interdisciplina” (WACHTER, 1982,

p. 276), e argumenta que a pesquisa interdisciplinar depende da independência das disciplinas bem como a reforça. Para integrar as disciplinas constitutivas na pesquisa Bioética, Wachter propõe um processo composto por cinco fases: O ponto inicial é a aceitação do *Epoché* metodológico, isto é, um momento em que todas as disciplinas devem se abster de abordar o tema seguindo seus próprios métodos monodisciplinares; o segundo ponto é a formulação interdisciplinar de uma questão global que reconheça os aspectos possíveis e a sua totalidade; o terceiro ponto é a tradução da questão global na linguagem específica de cada disciplina participante; o quarto ponto é que a resposta a esta questão traduzida deve ser constantemente verificada tendo em vista a sua relevância em responder à pergunta global; o quinto ponto é a concordância com uma resposta global que não deve ser produzida por uma disciplina particular,

mas que integra todas as respostas particulares disponíveis. (WACHTER, 1982, pp. 275-288)

Quanto a avaliação dos aspectos referentes à proposta de Wachter para uma Bioética interdisciplinar, tais como a sua adequação, originalidade, relevância, argumentos, qualidade, confiabilidade, aplicabilidade, negligências, desafios, riscos, etc., já foi amplamente debatida por Daniel Adler e Randi Zlotnik Shaul (2012), entre outros.

e) Para a Bioética ser uma transdisciplina

Sobre a “transdisciplinaridade”, alguns autores, ao rejeitar a categoria conceitual da “disciplina”, defendem uma abordagem transdisciplinar do conhecimento (SOMERVILLE e RAPPORT, 2002, p. 110; NICOLESCU, 2008, p. 198). Embora haja

desacordo quanto ao seu significado, refere-se genericamente à defesa do desenvolvimento de uma cosmovisão holística, em que todo conhecimento deve tornar-se conceitualmente unificado, e não mais existir as fronteiras disciplinares (SALTER e HEARN, 1996, p. 35). A literatura sobre a transdisciplinaridade é bastante recente, e altamente teórica, e ainda não está suficientemente claro como essa abordagem epistemológica pode ser aplicada na prática e como ela se revelaria benéfica na pesquisa em Bioética.

f) Bioética, um campo interdisciplinar

As observações feitas acima mencionaram, em vários momentos, o termo “campo” ao referir-se à Bioética, e nos coloca diante da tarefa de esclarecer o sentido específico do termo por nós empregado. O que se pode entender como um “campo” e como a Bioética pode ser assim compreendida em vantagem da sua compreensão como subdisciplina, disciplina, multidisciplinar, interdisciplina ou transdisciplina?

A bioética concebida como um campo não investe na reivindicação disciplinar que gozam as demais disciplinas: ela desempenha o papel de subdisciplina quando se afilia à ética (natureza derivada), mas ao mesmo tempo ela não é uma subdisciplina porque seu papel é inteiramente outro e próprio (natureza distinta). Ela não pode ser restrita a uma disciplina, mesmo que os componentes necessários, isto é, as características sociológicas e epistemológicas, possam ser adquiridos ou construídos ao longo de sua história, que ainda é curta. Concebê-la com uma área multidisciplinar é, como já indicamos acima, uma tarefa inconsequente. Assim, aproximemos paralelamente, com a caracterização da Bioética como um “campo”, da noção de

interdisciplinariedade.

O que pode ser entendido como um campo? Um campo é uma extensão, área, região, espaço ou local destinado e apropriado às práticas de interesses diversos tais como a agricultura, pastagens, jogos, trabalhos, diversões, estudos, etc. A Bioética, neste sentido, é uma região interdisciplinar, ou seja, que se situa “entre as disciplinas”. Tal qual um “campo”, esta região recebe disciplinas estrangeiras que cruzaram suas “pontes” (fronteiras), para trabalhar com determinados temas e problemas.

A Bioética não é uma disciplina “nova” e, neste sentido, se assemelha à filosofia, medicina, direito, antropologia, teologia, etc. O termo engloba uma seleção diversificada de escritos, teorias, métodos, técnicas, objetivos, conferências, periódicos, reuniões de comitês, consultas e assessorias. Todavia, no interior dessa diversidade, há o espaço em que estas diferentes áreas de especialidades acadêmicas ocupam, com um foco compartilhado, e com a finalidade de trabalhar numa inter-relação, isto é: identificar, descrever, esclarecer, avaliar problemas éticos particulares ou universais associados com a Bioética, e propor ou negociar soluções para estes problemas sob perspectivas mais amplas. Inclusive, Daniel Callahan, um dos fundadores da compreensão da Bioética como campo, reclamou da forma como a bioética se transformou em algo feito por bioeticistas especialistas e profissionalizados, ao invés de seguir sua visão de um tipo de conversa mais geral de pessoas com diferentes contextos, significados e perspectivas (CALLAHAN, 1999b, p. 62-72).

Em concordância com Callahan, o Relatório do Conselho Presidencial Sobre Bioética também lamentou a transformação da bioética em uma disciplina mais restrita:

Para o Conselho do Presidente sobre Bioética, a ‘bioética’ se refere ao amplo domínio ou assunto, ao invés de uma abordagem metodológica ou acadêmica especializada. Por essa razão, propõe-se um Conselho *sobre* Bioética, não um conselho *de* bioética ... não como ‘especialistas’, mas simplesmente como seres humanos que pensam cuidadosamente (“thoughtful human beings”) (KASS et al. , 2002, xvii. Grifos nossos).

Com as observações acima, não aprofundamos o saber se a “Bioética” é um campo “derivado”, “em transição”, “em movimento”, “em fluxo”, “em confusão”, “próprio”, “híbrido”, etc. Também não questionamos se e como o “campo” irá acomodar os bioeticistas estudiosos ou

pesquisadores e os bioeticistas praticantes na mesma tenda da Bioética. Estas indagações que escapam dos limites deste trabalho, devem ser ruminadas e expressas em trabalhos posteriores. Por hora, resta-nos sublinhar a caracterização da Bioética como um campo de trabalho interdisciplinar, e enfatizar que esta denominação só será reconhecida de acordo com a proporção dos resultados.

O trabalho em Bioética é inclusivo, não exclusivo. E isto é um verdadeiro desafio para os indivíduos que geralmente foram educados dentro de disciplinas unitárias, pois requer a capacidade em um conjunto de habilidades, novas linguagens, novas disciplinas, novas literaturas, novos métodos e técnicas, novos tipos de pesquisa e análise de novos problemas de maneiras inteiramente novas. Trata-se de transcender as restrições de nosso treinamento disciplinar para construir novos meios para se envolver com nossas questões de pesquisa. Por ser algo amplo e difícil, isto provavelmente seja sentido como um processo incômodo, inquietante e frustrante, mas certamente será somado como um tijolo a mais na construção das bases conceituais e disciplinares da Bioética. E isso nos parecer da mais alta relevância.

Considerações finais

Ao final deste texto, deve-se reafirmar três principais observações anteriormente mencionadas acerca das bases conceituais e disciplinares da Bioética. A primeira é que o termo “Bioética” não possui uma única e exata definição. A vida do jovem termo foi e continua sendo reafirmada por muitas e variadas vozes, frequentemente dissonantes quanto à questão terminológica, e a proposta de uma única definição canônica reflete as tentativas fracassáveis das formas tradicionais de perguntar e responder. Então, para retomar a indagação primeira, o melhor caminho parece ser o de caracterizar a Bioética, apresentando seus âmbitos, métodos, técnicas, comparando as definições, e avaliando o seu crescimento, presença e papel nas atividades humanas da atualidade. A segunda observação é que a Bioética pode ser considerada como uma reflexão de natureza subdisciplinar, disciplinar, multidisciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar ou ser considerada como um campo. E a terceira observação é que a Bioética como um campo ou região inter-disciplinar, se situa “entre as disciplinas”, e recebe disciplinas estrangeiras que cruzaram suas “pontes” (fronteiras) afim de trabalhar com um foco compartilhado e inclusivo para identificar, descrever, esclarecer, avaliar problemas éticos particulares ou universais associados com a Bioética, e propor ou negociar soluções para estes problemas sob perspectivas mais ampla. Todas estas alternativas, do ponto de vista dos autores, são possíveis, válidas e devem ser seriamente consideradas, mas a proposta do campo ou região

interdisciplinar para a Bioética se mostra mais convincente, desafiante e promissora. O mais importante é que seja qual for a alternativa, a opção acarretará em consequências que precisam ser suportadas racionalmente, tarefa de casa que a Bioética ainda não parece ter feito.

Referências

ACKERMAN, T. F. What bioethics should be. *The Journal of Medicine and Philosophy*, Oxford, v.5, pp. 260-275, sep.1980.

ADLER, Daniel; SHAUL, Randi Zlotnik. *Disciplining Bioethics: Towards a Standard of Methodological Rigor in Bioethics Research. Accountability in Research*. Toronto, v. 19, pp. 187-207, jun. 2012.

ÁRNASON, V. Sensible discussion in bioethics: Reflections on interdisciplinary research. *Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics*, Cambridge, v.14, pp.322-328, jul.2005.

AZEVÊDO, E. S. Interdisciplinary bioethics on the crossroad of research methods. *Eubios Journal of Asian and International Bioethics*. Colwyn Street, Christchurch, (NZ) v.17, pp. 34-35, mar. 2007.

BARON, J. *Against Bioethics*. Massachusetts: MIT Press, 2006. 248p.

BEAUCHAMP, TL. Methods and principles in biomedical ethics. *Journal of Medical Ethics*. London, v. 29, pp. 269-274, nov. 2003.

BECHER, T. *Academic Tribes and Territories: Intellectual Enquiry and the Cultures of Disciplines*. United Kingdom: SRHE/Open University Press, 1989.

BELKIN, G.S. Moving beyond bioethics: History and the search for medical humanism. *Perspectives in Biology and Medicine*. Baltimore, v. 47, pp. 372-385, jul. 2004.

BENNETT, R., CRIBB, A. The relevance of empirical research to bioethics: Reviewing the debate. In: HÄYRY, M.; TAKALA, T. (Editors). *Scratching the Surface of Bioethics*. Amsterdam: Rodopi BV, 2003. pp. 9-18.

BORRY, P., SCHOTSMANS, P., DIERICKX, K. *The birth of the empirical turn in bioethics*. Bioethics. Oxford, v. 19, pp. 49-71, 2005.

BRODY, H. *The Future of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 2009. 272p.

CALLAHAN, Daniel. Bioethics as a discipline. *The Hastings Center Studies*, New York, v.1, n.1,

pp. 66-73, 1973.

CALLAHAN, D. *The Social Sciences and the Task of Bioethics*. Daedalus. Cambridge: MIT Press, 1999a. v.128, pp. 275-294.

CALLAHAN, D. The Hastings Center and the early years of bioethics. *Kennedy Institute of Ethics Journal*. Washington, D.C, v. 9(1), pp. 53-72, 1999b.

DE LANGE, M.C. Exploring interdisciplinarity: A theoretical consideration of bioethics at the interface between theology, philosophy and life sciences. *The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa*. Durbanville, v. 5, pp.190-216, dec. 2009. DE WACHTER, M. A. M. Interdisciplinary bioethics: But where do we start? *The Journal of Medicine and Philosophy*. Oxford, v. 7, pp. 275-287, aug. 1982.

DUNN, M. C. *et al.* *Jack of All Trades, master of none? Challenges facing junior academic researchers in bioethics*. Journal of Clinical Ethics. Hagerstown, v. 3, pp. 160- 163, dec. 2008.

ENGELHARDT, T. “Foreword”. In: POTTER, V. R. *Global bioethics. Bulding on the Leopold legacy*. East Lansing, Mi: Michigan State University Press, 1989.

FADEN, R.R. Bioethics: A field in transition. *Journal of Law, Medicine and Ethics*. Boston, v. 32, pp. 276-278, jun.2004.

FERRER, J. J.; ÁLVAREZ, J. C. *Para fundamentar a Bioética: Teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2005. 504p.

GARRAFA, V.; PESSINI, L. (Orgs.) *Bioética, poder e injustiça*. São Paulo: Loyola, 2003.522 p.

GARRAFA, V.; PORTO, D. Intervention bioethics: a proposal for peripheral countries in a context of power and injustice. *Bioethics*. Oxford, v.17 (5-6), pp. 399-416, 2003.

GARRAFA, V.; KOTTOW, M.; SAADA, A. (Coords.). *Estatuto epistemológico de la bioética*. México: UNAM / Redbioética UNESCO, 2005. 288p.

GARRAFA, V. *Da bioética de princípios a uma bioética interventiva*. Bioética, Brasília,DF, v. 13, n. 1, p. 125-134, 2005a. 832p.

GARRAFA, V. *Inclusão social no contexto político da bioética*. Ed. Revista Brasileira de Bioética. Brasília, v. 1, n. 2, pp. 122-132, 2005b.

GARRAFA, V.; KOTTOW, M.; SAADA, A. (Orgs.). *Bases conceituais da bioética –enfoque*

- latino-americano*. São Paulo: Gaia/Redbioética, UNESCO, 2006. 224p.
- GARRAFA, V.; CORDON, J. (Orgs.). *Pesquisa em Bioética no Brasil de hoje*. São Paulo: Gaia, 2006. 256p.
- GREEN, R.M. Method in bioethics: A troubled assessment. *The Journal of Medicine and Philosophy*. Oxford, v. 15, pp. 179–197, 1990.
- HOFFE, O. *Persino un popolo di diavoli ha bisogno dello Stato. Contributi filosofici per un'etica del diritto e dello Stato*. Torino: Giappichelli, 1993. 194p.
- ILTIS, A. S. Look who's talking: The interdisciplinarity of bioethics and the implications for bioethics education. *The Journal of Medicine and Philosophy*. Oxford, v. 31, pp. 629- 641, dec. 2006.
- JONSEN, A. R. *The birth of bioethics*. New York: Oxford University Press, 1998. 432p.
- JONSEN, A. R. The history of bioethics as a discipline. In: KHUSHF, G. (editor). *Handbook of Bioethics: Taking Stock of the Field From a Philosophical Perspective*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004. pp. 31-51.
- JONSEN, A.R. A history of bioethics as discipline and discourse. In: JECKER, N. S.; JONSEN, A. R.; PEARLMAN, R. A. (Editors). *Bioethics: An Introduction to the History, Methods, and Practice*. London: Jones and Bartlett Publishers, 2007. pp. 3-16.
- JUNGES, J, R. *Bioética: hermenêutica e casuística*. São Paulo: Loyola, 2006. 272p. KASS, L. R., et al. *Human cloning and human dignity: The report of the President's Council on Bioethics*. New York: Public Affairs, 2002. 344p.
- KOPELMAN, L. M. Bioethics as a second-order discipline: Who is not a bioethicist? *Journal of Medicine and Philosophy*. Oxford, v. 31, pp. 601-628, dec. 2006. KOTTOW, Miguel. Bioética: una disciplina en riesgo. *Revista Redbioética*, UNESCO, v. 1, n. 1, pp. 158-172, p. 158, 2010.
- LENOIR, N. *Promover o ensino de bioética no mundo*. *Revista Bioética*. Brasília, v. 4, n.1, pp. 42-49, 1996.
- BIOETICA. In: LEONE, S.; PRIVETA, S. *Dizionario di bioetica*. Bologna: EDB-ISB, 1990.1068p.
- MASTER, Z. The responsible conduct of bioethics research. *Accountability in Research*. Abingdon. v. 18, pp. 102-119, mar. 2011.

- NICOLESCU, B. (Editor). *Transdisciplinarity: Theory and Practice*. New York: Hampton Press, 2008. 299p.
- PARIZEAU, M.-H. Bioéthique. In: CANTO-SPERBER, M. *Dictionnaire d’Ethique et de Philosophie Morale*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1996, pp. 694-701. PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE C. P. *Problemas atuais de Bioética*. 11 Ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo/Edições Loyola, 2012. 680p.
- POWERS, M. Bioethics as politics: The limits of moral expertise. *Kennedy Institute of Ethics Journal*. Washington, D.C, v. 15, pp. 305–322, sep. 2005.
- REICH, W.T. *Encyclopaedia of Bioethics*. 2. Ed. New York: The Free Press, 1978, I. 1800p.
- REICH, W. T. La bioetica negli Stati Uniti. In: VIAFORA, C. *Vent’anni di bioetica. Idee, protagonisti, istituzioni*. Padova: Gregoriana, 1990.
- RUSSO, G. *Storia della bioetica*. Le origini, il significato, le istituzioni. Armando editore, Roma, 1995. 216p.
- SALTER, L.; HEARN, A. *Outside the Lines: Issues in Interdisciplinary Research*. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 1996. 216p.
- SARMENTO, G. *Direitos Humanos e Bioética*. Maceió: EDUFAL, 2002. 271p. SGRECCIA, E. *Bioetica. Manuale per medici e biologi*. Milano: Vita e Pensiero, 1987.406p.
- SGRECCIA, E. *Manual de bioética: fundamentos e ética biomédica*. (Trad. Orlando Soares Moreira). 3 Ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 1996. 640p.
- SILBER, T. J. Bioethics: An interdisciplinary enterprise. *Journal of Religion and Health*. New York, v. 21, pp. 21-28, mar.1982.
- SOMERVILLE, M. A.; RAPPORT, D.J. (Editors). *Transdisciplinarity: Recreating Integrated Knowledge*. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2002. 320p.
- TETTAMANZI, D. *Bioetica. Nuove frontiere per l’uomo*. 2 Ed. Casale Monferrato: Piemme, 1990.576p.
- UNESCO. *Universal Declaration on Bioethics and Human Rights*. 2005. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=31058&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acesso em: 17 mai. 2017.

- VARGA, A. C. *The main issues in bioethics*. Ramsey (NJ): Paulist Press, 1984. 225p.
- VIAFORA, C. *Vent'anni di bioetica*. Idee, protagonisti, istituzioni. Padova: Gregoriana, 1990. 462p.
- WACHTER, M. A. M. Interdisciplinary bioethics: But where do we start? A reflection on epochè as method. *The Journal of Medicine and Philosophy*. Oxford, v. 7, pp. 275- 287, aug.1982.
- WILLIAMSON, L. The quality of bioethics debate: Implications for clinical ethics committees. *Journal of Medical Ethics*. London, v. 34, pp. 357-360, 2008.
- WITTGENSTEIN, L. (PU) = *Philosophical Investigations/Philosophische Untersuchungen*. Ed. Hacker, P. M. S. & Schulte, J. Transl. Anscombe, G. E. M.; Hacker, P. M. S. & Schulte, J. 4. Ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. 592p.
- _____. (BB) = *Livro azul*. Lisboa: Edições 70, 1992. 125p.
- WOLF, S. M.; KAHN, J. P. Bioethics matures: The field faces the future. *Hastings Center Report*. Bethesda, v. 35, pp. 22-24, jul-aug. 2005.
- ZOBOLI, E. L. C. P.; FORTES P. A. C. *Bioética e saúde pública*. São Paulo: Loyola, 2004. 167p
- .

Autores:

Gilberto Ferreira de Souza

Filósofo (PUCPR). Mestre em Filosofia (PUCPR). Doutor em Filosofia (UNICAMP) e Pós-Doutorado em Bioética no Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGB/PUCPR).

Professor visitante do Instituto Superior de Filosofia e Teologia - ISFIT - em Timor Leste. Professor Substituto do Instituto Federal de São Paulo - IFSP - campus Registro.

Áreas de interesse: filosofia contemporânea, bioética, educação interdisciplinar. Contato: gilbertosouza_2005@yahoo.com.br

Mário Antônio Sanches

Teólogo e Bioeticista (PUCPR). Mestre em Antropologia Social (UFPR). Doutor em Teologia pelo EST/IEPG de São Leopoldo (RS) e Pós-Doutorado em Bioética na Cátedra de Bioética da

Universidad Pontificia Comillas, em Madrid.

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPGB/PUCPR).

Áreas de interesse: bioética, educação interdisciplinar, teologia. Contato: msanches@pucpr.br.